

Visões de China na imprensa brasileira: um estudo a partir da Folha de São Paulo, O Globo e G1.

Ana Tereza Lopes Marra de Sousa¹ - Diego Almeida Oliveira²

Resumo

Neste trabalho, abordamos a forma como temáticas relacionadas a China foram tratadas em meios de comunicação brasileiros durante 2021 e 2022. Durante oito meses, entre novembro de 2021 e junho de 2022, foram coletadas publicações sobre a China nos sítios eletrônicos de dois grupos midiáticos dos mais relevantes, em termos de assinaturas e visualizações, no país: i) a Folha de São Paulo (FSP), e ii) o grupo Globo (contemplando os sítios do jornal O Globo e do G1, portal de notícias da Globo). O objetivo da pesquisa foi compreender como tais veículos de mídia abordaram a China no que diz respeito a oportunidades e ameaças que a ascensão do país poderia trazer para o Brasil. A análise dos dados nos permitiu concluir que os meios de comunicação analisados se caracterizaram pela expressão de uma visão compartimentada da China, no qual destacaram, de um lado, as oportunidades que o Brasil tem devido a sua ascensão econômica, mas, de outro, as ameaças que seriam decorrentes da política chinesa.

Palavras-chave: China. Mídia. Relações Internacionais.

Abstract

In this work, we approach how themes related to China were treated in Brazilian media during 2021 and 2022. For eight months, between November 2021 and June 2022, publications about China were collected on the websites of two media groups of the most relevant, in terms of subscriptions and views, in the country: i) Folha de São Paulo (FSP), and ii) Grupo Globo (including the websites of the newspaper O Globo and G1, Globo's news portal). The objective of the research was to understand how such media vehicles approached China with regard to opportunities and threats that the country's rise could bring to Brazil. Data analysis allowed us to conclude that the analyzed media were characterized by the expression of a compartmentalized view of China, in which they highlight, on the one hand, the opportunities

¹ Universidade Federal do ABC - ana.terez@ufabc.edu.br

² ETEC - SP

LOPES MARRA DE SOUSA, Ana Tereza; ALMEIDA OLIVEIRA, Diego. Visões de China na imprensa brasileira. ÎANDÉ : Ciências e Humanidades, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 74–88, 2023. DOI: 10.36942/iande.v7i1.855.

that Brazil has due to its economic rise, but, on the other, the threats that would arise from Chinese policy.

Keywords: China. Media. International Relations.

Introdução

Neste trabalho, abordamos a forma como temáticas relacionadas a China foram tratadas em meios de comunicação brasileiros durante 2021 e 2022. Durante oito meses, entre novembro de 2021 e junho de 2022, foram coletadas publicações sobre a China nos sítios eletrônicos de dois grupos midiáticos dos mais relevantes, em termos de assinaturas e visualizações, no país: i) a Folha de São Paulo (FSP), e ii) o grupo Globo (contemplando os sítios do jornal O Globo e do G1, portal de notícias da Globo). O objetivo da pesquisa foi compreender como tais veículos de mídia abordaram a China no que diz respeito a oportunidades e ameaças que a ascensão do país poderia trazer para o Brasil.

Ressalta-se que a China é um importante parceiro internacional do Brasil: desde 2009 é o maior destino de nossas exportações e contribui com a maior parte do superávit comercial brasileiro, e desde 2017 é a maior origem de nossas importações, tendo se despontado ainda como importante fonte de investimentos diretos externos. Contudo, apesar de sua importância, a política externa hostil ao país levada a cabo pelo governo de Jair Bolsonaro (2019–2022) chamou atenção para o fato de que i) as relações Brasil-China estavam sujeitas a crescente politização e, ii) não existia um consenso sobre que tipo de política o Brasil deveria destinar ao país.

Acompanhando a importância que a China foi adquirindo no cenário internacional, de um lado, e o próprio peso que o país tem tido para a economia nacional, de outro, foi perceptível o crescimento do número de publicações na mídia as quais citaram o país, na Folha de São Paulo (FSP), por exemplo, segundo pesquisa que realizamos pelo próprio mecanismo de busca do seu sítio eletrônico, enquanto que entre os anos de 2016 e 2018 o país foi citado 2454 vezes na edição impressa do jornal, entre 2019 e 2021, as citações chegaram a 6293.

A importância de compreender como a China tem sido abordada nos meios de comunicação brasileiros se dá principalmente por dois motivos. O primeiro é que tal conhecimento nos ajuda a entender melhor quais são os juízos que se tem na opinião pública brasileira sobre o país. Diversos estudos sugerem que publicações da mídia podem ter um papel importante sobre a formação e/ou como expressão de opinião pública que poderá ser mobilizada como justificativa para manutenção ou mudança de políticas governamentais (OLICSHEVIS, 2006). Lembra-se que os meios de comunicação frequentemente tentam se colocar como portadores de uma

determinada opinião pública e podem pressionar a tomada de decisões políticas. Desse modo, saber o que se diz sobre um determinado tema nos meios de comunicação contribui para compreender, ainda que de forma parcial, quais são os interesses que o assunto mobiliza na sociedade e que tipos de pressões os governos podem estar sujeitos em suas políticas.

Em decorrência do exposto, de forma complementar, o segundo motivo pelo qual é relevante compreender como a China tem sido abordada na mídia brasileira refere-se a conexão, apontada pela literatura, existente entre mídia, opinião pública e política externa. Embora não se possa apontar a medida em que essas três esferas se interrelacionam, trabalhos como o de Casarões (2012), Faria (2008), Ferreira (2021), Nogueira et al (2020), Monteiro & Lessa (2020), Coronato et al (2022), Ferreira & Lira (2019) e Fontes et al (2015) têm procurado destacar a maior reverberação de temas relacionados a Política Externa Brasileira (PEB) na mídia e/ou conexões entre mídia, opinião pública e política externa. Como aquilo que a mídia exprime em suas publicações pode ser usado como forma de pressão para influenciar políticas, compreender o que se diz sobre China auxilia para um melhor entendimento das políticas direcionadas pelo Brasil a China e, ainda, para percebermos que tipos de estratégias de política externa estão implicitamente propostas nas posições defendidas. Compreender essas propostas torna-se ainda mais relevante em um cenário no qual não existe consenso sobre que tipo de política o Brasil deve destinar ao país asiático, bem como há problematização sobre as relações bilaterais.

O trabalho utilizou como metodologia revisão bibliográfica e levantamento de dados primários, incluindo a análise de centenas de notícias nos sítios da FSP, de O Globo e do G1. Com base nos dados coletados, concluímos neste trabalho que os meios de comunicação analisados se caracterizaram pela expressão de uma visão compartimentada da China, no qual destacaram, de um lado, as oportunidades que o Brasil tem devido a sua ascensão econômica, mas, de outro, as ameaças que seriam decorrentes da política chinesa. Assim, percebeu-se que, segundo essas visões, prescreve-se para as relações Brasil-China um tipo de política externa que deve ser focada nas interações econômicas.

Além desta breve introdução, o trabalho divide-se em mais 4 partes. Na segunda, analisamos as conexões entre mídia, opinião pública e política externa. Na terceira, apresentamos um breve apanhado das relações Brasil-China apontando o aumento da politização dessas relações nos últimos anos. Na quarta, abordamos, como base na pesquisa empírica, como as temáticas relacionadas a China forma tratadas pela FSP e pelas mídias do grupo Globo (O Globo e G1). Na quinta, enfim, apresentamos as considerações finais.

Relação entre mídia, opinião pública e política externa

Neste trabalho, o entendimento que temos sobre política externa situa-se no que se convencionou chamar de visão pluralista das Relações Internacionais, a qual considera errônea a visão do Estado como agente unitário, que expressa um interesse nacional acima das preferências domésticas na política internacional. Partimos da suposição de que a política externa é uma política pública como qualquer outra, apesar da especificidade de “ser implementada fora das fronteiras estatais” (SALOMON; PINHEIRO, 2013, p.41). E, como qualquer política pública, está sujeita a sofrer impacto de atores de fora governo que, organizados, disputam para definir o conteúdo das políticas que serão adotadas (SILVA, 2015).

Essa luta por influência deve-se ao fato de que as políticas públicas possuem custos distributivos para os atores, isto é, elas podem beneficiar alguns, enquanto prejudicam outros. A percepção de que pode, de um lado, haver a potencialização de vantagens e, de outro, a minimização de perdas é o que leva grupos organizados a tentarem influenciar o conteúdo das políticas, sendo que a política externa está sujeita a sofrer essas pressões (PUTNAM, 2010).

Dentre a miríade de atores que pode influenciar nas políticas públicas e, portanto, na política externa, neste trabalho, destacamos a mídia, principalmente por meio de suas ações junto à opinião pública. Qual a relação entre mídia e opinião pública? A literatura que consultamos considera que a mídia tem um importante papel em ajudar a construir a opinião pública e a influenciá-la em determinadas direções.

Como argumentam Fontes et al (2015, p.2), os meios de comunicação possuem um importante papel na formação de opinião por “influenciar no processo de significação do mundo, na construção social da realidade, ao lado de outros tantos processos de interação social”. Nesse mesmo sentido, Nogueira et al (2020, p.31) destacam a influência da mídia “em processos de construção de imaginários sociais e de formação de opinião pública mundial”. Como muitos acontecimentos – ainda mais se pensarmos em outros países – ocorrem distantes dos indivíduos, estes passam a tomar conhecimento sobre aqueles a partir da mediação realizada pelas mídias de massa que vão, portanto, selecionar os fatos a serem noticiados, bem como influenciar a opinião que se forma sobre eles (NOGUEIRA et al, 2020, p.31). Nesse processo de mediação, é preciso admitir, como afirma Camargo (2008), que o jornalismo não é neutro ou imparcial, ele veicula informações que podem ter um caráter enviesado e não contar todos os lados da história, assim tendo a capacidade de influenciar as opiniões em uma determinada direção que se tenha interesse.

O que seria a opinião pública? Levando em consideração o papel de mediação da mídia, que não é neutro ou imparcial, a opinião pública não deve ser entendida como sendo as opiniões

que se originam com base em preferências gerais coletivas, pois muitas opiniões que assim se originam não são publicadas na mídia ou mobilizadas como opinião pública. A opinião pública deve ser entendida como as opiniões tornadas públicas, processo no qual os meios de comunicação têm papel importante em mediar, que serão difundidas – muitas vezes como se expressassem preferências universais – e vão sofrer enquadramentos específicos que podem ajudar a construir cenários que favorecem ou prejudicam forças políticas e grupos de interesse (FERREIRA, 2015).

Uma ampla bibliografia considera, nesse sentido, que a opinião pública possa ser fabricada. Como exemplo, pode-se citar o trabalho de Herman e Chomsky (1988), no qual os autores destacam como a mídia de massa nos EUA atuou para criar um “consenso fabricado” – que atendia aos interesses do governo dos EUA e de agentes privados – na opinião pública em torno da ideologia anticomunista durante a guerra fria. Assumiu-se que as publicações da mídia tiveram o papel de difundir mensagens, símbolos, valores, credos e códigos no comportamento das pessoas que, por sua vez, se integraram a uma estrutura mais geral da sociedade causando impactos políticos (HERMAN; CHOMSKY, 1988).

Repara-se que mesmo que se assuma a possibilidade de que a opinião pública possa ser manipulada, como lembra Coronato et al (2022), tal opinião não pode ser ignorada, pois seus efeitos políticos, considerando-se que podem impactar nos insumos de formulação e decisão de políticas públicas – inclusive a política externa –, podem ser tornar reais. Assim, uma das formas pelas quais a mídia pode impactar na política externa é por meio do papel que exerce enquanto agente que ajuda a formatar a opinião pública: ela seleciona o que noticiar e a quem dar voz pública – que pode se passar como opinião pública –, inclusive sobre a análise de questões internacionais. Como afirma Albuquerque (2008), o jornalismo frequentemente coloca-se como defensor de pautas que ele mesmo intitula como sendo “interesse geral” transvestindo muitas vezes interesses particulares como coletivos que, contudo, podem ter (embora não significa que necessariamente terão) impactos políticos.

Neste trabalho, nossa ideia é compreender que tipo de opinião pública se tem sobre a China nas mídias analisadas e verificar que tipos de propostas de política externa estão subentendidas nessas opiniões. Não queremos inferir que as propostas de política subentendidas nas opiniões serão adotadas como política pública pelos governos, mas certamente compreender as visões sobre a China e as propostas de política que se tem para as relações Brasil-China contribui para sabermos melhor quais são as posições sobre o país na sociedade e quais tipos de pressão as políticas públicas podem estar sujeitas.

Relações Brasil-China: histórico recente

Brasil e China estabeleceram relações diplomáticas em 1974. Na década de 1980 importantes acordos na área de ciência e tecnologia para construção de satélites foram fechados entre os países, contudo apenas a partir da década de 1990 que as relações econômicas entre ambos começaram a ser mais intensas tendo como base a grande competitividade da China no setor de manufaturados, de um lado, e as exportações brasileiras de insumos básicos, de outro (SOUSA, 2021).

A partir da década de 2000, a vultuosa exportação de bens primários brasileiros – em destaque soja e minério de ferro – para a China fez com que em 2009 o país se transformasse no principal destino das vendas brasileiras e maior fonte de superavit comercial para o Brasil (postos nos quais se mantem até hoje). A partir da década de 2010, as relações comerciais, somaram-se investimentos chineses em território brasileiro, em setores diversos, com destaque para o de energia.

Em termos políticos, destaca-se o estabelecimento de uma parceria estratégica entre os países em 1993, mas a maior aproximação política deu-se a partir dos governos do PT (2003–2016). Cita-se a criação da Comissão de Alto Nível de Concertação e Cooperação entre Brasil e China (COSBAN) em 2004, a participação conjunta no BRICS (grupo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), em formato de cúpula desde 2009 (ainda como BRIC, a integração da África do Sul deu-se em 2011), e a constituição do Novo Banco de Desenvolvimento e do Arranjo Contingente de Reservas em 2014. Há ainda a inauguração da Parceria Estratégica Global entre os países a partir de 2012.

A grande aproximação entre Brasil e China, tanto em termos políticos, como econômicos, considerando os custos distributivos que tal fato teve nos atores domésticos, provocaram uma crescente politização das relações entre os países (SOUSA, 2021). Nós dividimos esse cenário de politização em dois momentos: i) o que vai da década de 1990 até 2018, e; ii) de 2019 até 2022. O que divide os dois momentos é o impacto que a politização passa a ter na PEB: enquanto no primeiro momento, mesmo diante de questões econômicas e políticas divergentes, houve certo consenso na PEB sobre a China; no segundo, as políticas do Brasil para a China passaram a ser caracterizadas por contradições.

No que se refere ao primeiro momento, entre a década de 1990 até o fim do governo Michael Temer havia um relativo consenso na PEB sobre as relações bilaterais com a China: o de que era preciso aprofundar a cooperação com o país (SANTORO, 2020). Até setores críticos as relações comerciais e de investimentos com a China, consideravam a necessidade de manter

boas relações com o país e aprofundar a cooperação como o caminho para resolver possíveis problemas (SOUSA et al, 2021).

Ainda na década de 1990, devido a entrada maciça de importações, principalmente de bens de consumo, da China, setores nacionais passaram a problematizar as relações com o país, principalmente alguns nichos industriais. De outro lado, contudo, tais reclamações foram contrabalanceadas por importadores nacionais que se aproveitaram das importações originadas na China para fazer negócios mais competitivos, e exportadores – principalmente no setor mineral, energético e do agronegócio – para os quais o mercado chinês se mostrou muito importante (SOUSA, 2021). De todo modo, tanto do lado dos que reclamaram, quanto dos que foram beneficiados pelas relações com a China, havia um consenso que a manutenção de uma contínua aproximação e negociação com o país era necessária, fosse para obter mais vantagens, fosse para tentar diminuir os problemas (SANTORO, 2020). Em termos de política internacional, mesmo que no governo Temer tenha sido diminuído o ímpeto da política Sul-Sul na PEB e aumentado-se a aproximação do Brasil com as estruturas hegemônicas do sistema internacional (exemplificados pelo pedido de entrada na OCDE), a China foi mantida como interlocutora relevante e uma das prioridades da PEB.

Contudo, a emergência de Jair Bolsonaro à presidência, em 2019, alimentou uma política hostil a China, dando-se início ao segundo período que apontamos. Durante a campanha eleitoral, em 2018, Jair Bolsonaro – então candidato a presidente do Brasil – mostrou-se um crítico das relações Brasil-China, principalmente no que se referia as relações econômicas, as quais caracterizou como sendo uma interação em que a China "compra" o Brasil. Já eleito presidente, reafirmou algumas declarações que indicavam o mesmo conteúdo, de forma a produzir-se incerteza a respeito de como se reformularia a PEB para a China (SOUSA et al, 2021). Reforçando a indicação de mudança, sustentou durante os 2 primeiros anos de governo Ernesto Araújo como ministro das relações exteriores, o qual também deu declarações controversas a respeito das relações do Brasil com a China, reiterou mais de uma vez o fato de os países terem identidades contrapostas nas relações internacionais, defendendo que, com a China, o Brasil não deveria possuir muito além de relações comerciais, indicando que em termos políticos os países deveriam se manter afastados (SOUSA et al, 2021).

Durante o ano de 2020, afetado pela pandemia de COVID-19, personagens do alto escalão do governo Bolsonaro, incluindo ele mesmo, fizeram reiteradas críticas a China envolvendo a pandemia, vacinas chinesas, e críticas a tecnologias da informação ofertadas por empresas chinesas, como o caso do 5G da Huawei. A PEB para a China, que no primeiro momento que apontamos (da década de 1990 até 2018) havia girado em torno do consenso de que uma maior aproximação era necessária, a partir de 2019, assim, passou a operar na perspectiva de um

afastamento entre os países. A substituição de Araújo por Carlos França no Itamaraty, em março de 2021, apesar de ter distensionado as relações diplomáticas bilaterais, contudo, ainda continuou a gerar incertezas da PEB para a China (SOUSA et al, 2022).

Nesse ponto, é importante dizer que o descolamento da PEB durante o governo Bolsonaro do interesse de grupos domésticos – os quais, no geral, ainda operaram na lógica de que o necessário é uma maior aproximação com a China, não o contrário – incentivou a participação de mais atores nos assuntos internacionais que envolveram os dois países: governos subnacionais, conselhos empresariais, empresários e o poder legislativo, dentre outros, passaram a estabelecer relações mais diretas com a China.

É nesse cenário que se insere as notícias que coletamos entre 2021 e 2022, caracterizado pela crescente politização das relações bilaterais, pela inclusão de mais atores atuando diretamente nessas relações, e pela ausência de um consenso sobre como a China deve ser tratada na PEB.

Análise das Posições da Mídia: FSP, O Globo e G1

Nesta parte apresentaremos dados quantitativos e qualitativos da nossa pesquisa empírica. Primeiro, deve-se destacar que a pesquisa foi realizada em três sítios eletrônicos (sites): da FSP, do jornal O Globo e do G1, coletando-se as matérias (fossem editoriais, reportagens, artigos de opinião ou notícias) para os quais deram espaço de publicação. Destaca-se que a escolha das mídias analisadas reflete a importância que possuem no cenário brasileiro. Em termos de números, tanto FSP, como O Globo e o G1 destacam-se com relação a assinaturas e visualizações. No que se refere ao ano de 2021, a FSP teve uma circulação total de 366.088, aliada à uma média mensal de 22,2 milhões de acessos; enquanto O Globo, no mesmo período, atingiu 28,7 milhões de acessos mensais, tendo a quantidade de 373.139 em circulação total; já o portal G1, acumulou durante todo o ano de 2021, cerca de 3,1 bilhões de visitas, destaca-se que não é possível registrar sua circulação total, uma vez que se trata de jornal gratuito, não possuindo, dessa forma, assinantes (O GLOBO, 2022).

Em cada um desses sites, foram coletadas semanalmente notícias relacionadas a China, digitando-se nas ferramentas de busca a palavra “China”. Um primeiro filtro pelo qual as notícias passaram, referiu-se à identificação sobre se a China era o personagem central das notícias ou não. Houve notícias em que, apesar de saírem no mecanismo de busca quando “China” foi digitada, o país era marginal. Estas foram excluídas da análise. Só foram validadas para a nossa avaliação, as publicações nas quais a China era abordada de forma a ser um ator relevante para o entendimento do acontecimento que se buscava analisar na notícia.

Uma vez validada, foi realizada a leitura e avaliação da publicação, de acordo os seguintes critérios: Positivo, Parcialmente Positivo, Neutro, Parcialmente Negativo e Negativo. Essa classificação de posicionamentos das mídias seguiu critérios arbitrários definidos da seguinte forma:

- POSITIVO – posicionamento com caráter claramente favorável a China;
- PARCIALMENTE POSITIVO – posicionamento com caráter em partes favorável, porém de forma não tão evidente ou com ressalvas;
- NEUTRO – matéria meramente informativa ou sem posicionamento evidente;
- PARCIALMENTE NEGATIVO – posicionamento com caráter em partes desfavorável, porém de forma não tão evidente ou com ressalvas;
- NEGATIVO – posicionamento com caráter claramente desfavorável a China.

Abaixo, apresentamos a análise dos dados coletados (4.1), destacando posicionamentos sobre 4 questões as quais foram as mais pautadas nas publicações sobre China no período: Taiwan, Covid-19, relação bilateral com o Brasil, e relações com a Rússia.

Análise dos dados

Foram validadas para análise 243 publicações, sendo 116 da FSP e 127 no O Globo e G1. Catalogou-se, separando as publicações por temas, os quais são listados a seguir com um breve resumo do que os compõe:

- Agro: problemas ou recordes nas exportações de itens do setor agropecuário brasileiro, como carne bovina e suína e soja;
- Ciência: desenvolvimento científico como a elaboração de novos remédios, vacinas, notícias sobre publicações acadêmicas, etc.;
- Conflitos Internacionais: movimentações de China nas relações internacionais que envolvam conflitos, como a questão de Taiwan, a guerra na Ucrânia, declarações sobre os EUA, etc.;
- Covid-19: notícias acerca de como China lida com a pandemia de covid-19, citando por exemplo, os impactos econômicos, lockdowns, opinião da população chinesa, entre outros;
- Cultura: principalmente a possível influência do chamado soft power chinês exercida pelo cinema, além da utilização do cinema chinês para a valorização de personagens históricos de China, como Mao Tsé-Tung, ex-presidente do país;
- Economia: matérias acerca dos indicadores econômicos de China, como o crescimento do PIB e da produção industrial no país, dados de empregabilidade da população, etc.;

- Esportes: repercussão do caso de assédio de um ex-primeiro-ministro chinês a uma jogadora de tênis e as preparações do governo chinês para os jogos olímpicos de inverno de Pequim;
- Meio Ambiente: medidas do governo chinês para reduzir a emissão de CO2 no país e a participação de China em reuniões da Organização das Nações Unidas (ONU) para discutir o clima e meio ambiente;
- Política Interna: medidas tomadas pelo Presidente Xi Jinping para ter o aval do Partido Comunista Chinês para ter um terceiro mandato presidencial, além de medidas políticas tomadas por Pequim acerca de assuntos internos e os assuntos da região autônoma de Hong Kong;
- Relações Internacionais: matérias sobre a atuação de China no cenário internacional, sendo em reuniões com chefes de estado, reuniões da ONU, empréstimos a outros países, etc.;
- Tecnologia: desenvolvimento tecnológico, seja militar, como na produção de mísseis, seja no âmbito “comum” comum na elaboração da tecnologia 5G.

A fim de analisar quais foram os temas mais abordados, contabilizou-se os dados no gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1: Temas Abordados

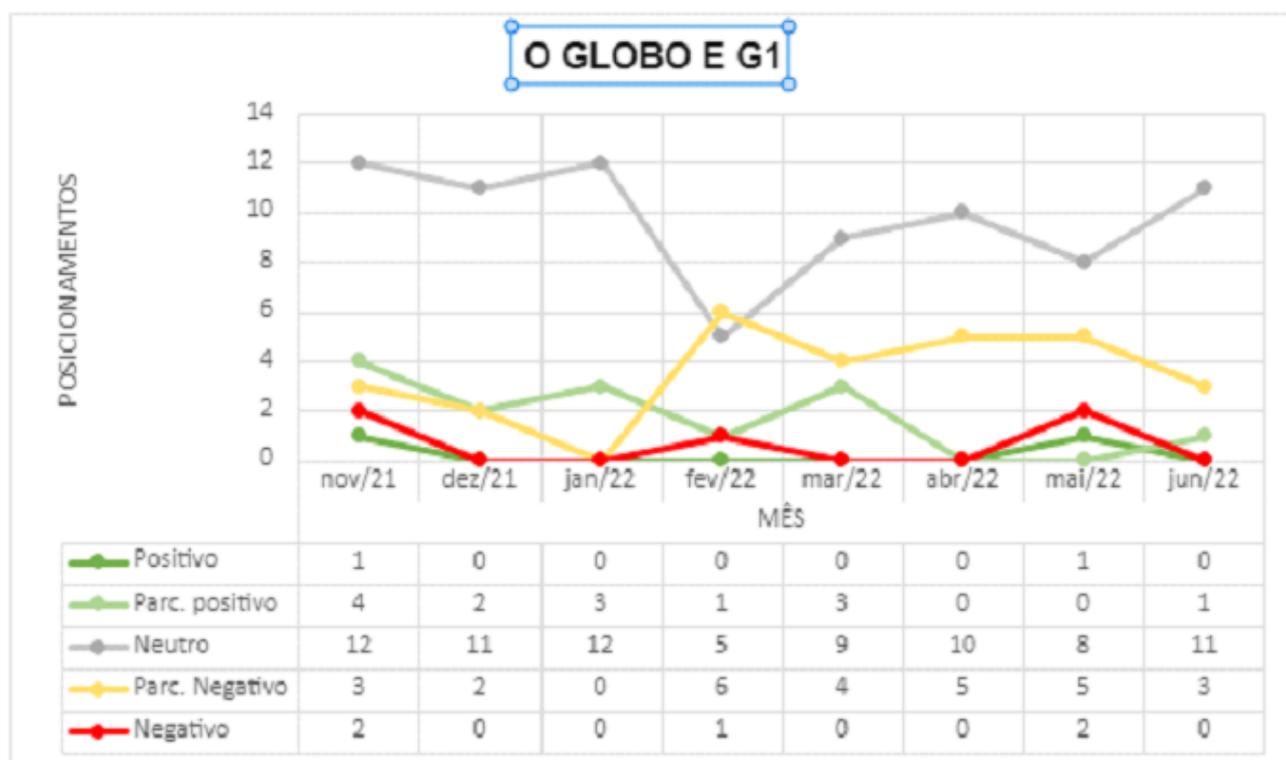


Fonte: elaboração própria

Ressalta-se que uma matéria pode ter dois temas associados a ela, em sua classificação. Dessa forma, o número total obtido ao somar os totais de cada tema, não corresponde ao real número de matérias colhidas, uma vez que houve intersecção de alguns temas. Além disso, a coluna “outros” se refere a soma dos temas Ciência, Cultura, Meio Ambiente e Tecnologia, em decorrência de terem atingido número inferior a 10 matérias colhidas. Dentre os temas mais citados: economia, Covid-19, conflitos internacionais e Relações Internacionais foi possível destacar, dentro deles, os assuntos mais recorrentes, sendo eles: Taiwan, pandemia de covid-19, relação entre Brasil e China e a relação de China com a Rússia (no qual pauta-se a Guerra da Ucrânia).

Com a coleta de matérias sobre China, foi possível observar algumas tendências da mídia, aqui representada por O Globo, G1 e Folha de São Paulo. Isso é demonstrado tanto nos temas abordados, quanto na maneira em que se aborda esses temas. Primeiro, cabe observarmos a forma como foram avaliadas as publicações dos meios de comunicação analisados.

Gráfico 2: Posicionamento de O Globo e do G1



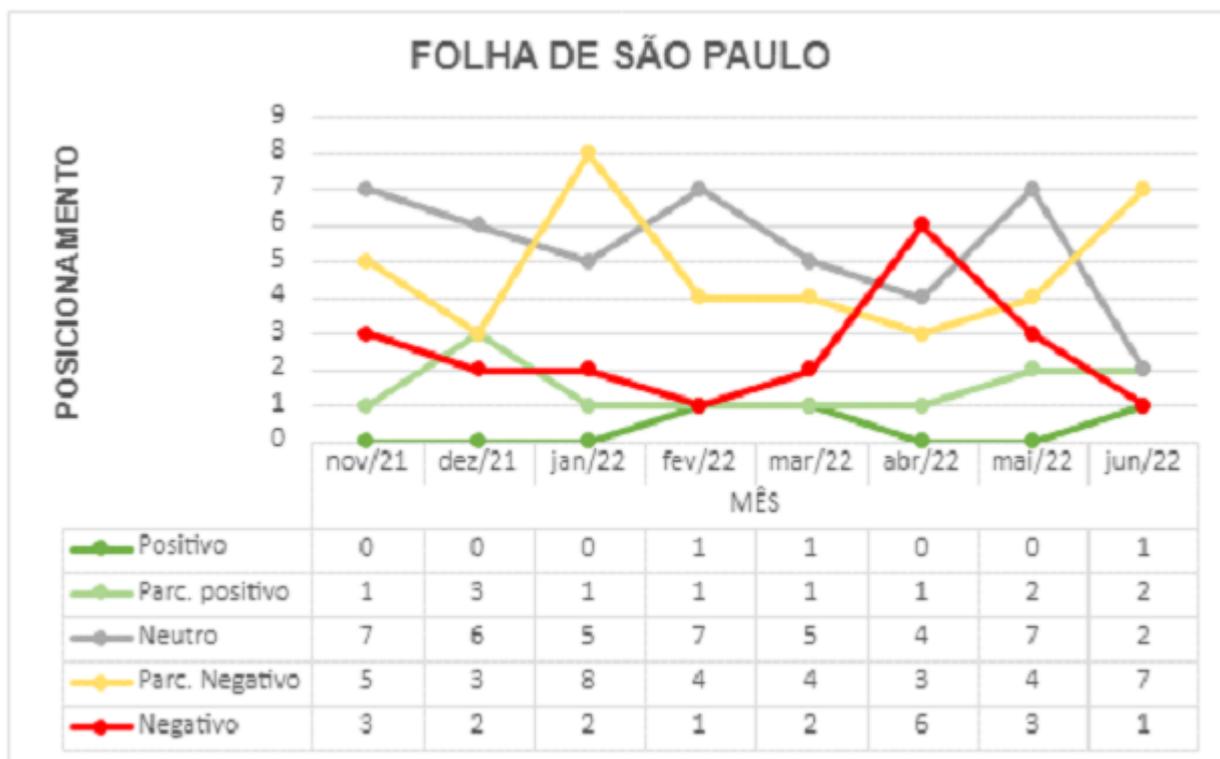
Fonte: elaboração própria

Como é possível observar no gráfico 2, o jornal O Globo e o portal G1 seguem uma tendência de posicionamento neutro em quase todos os meses analisados, tendo fevereiro como única exceção - em que apresenta posicionamento parcialmente negativo como predominante -. Evidencia-se que o mês de fevereiro de 2022 marca um crescimento das matérias com caráter parcialmente negativos, ao mesmo tempo em que matérias parcialmente positivas decresceram mês a mês.

É interessante que esse aumento de tendência parcialmente negativa tenha ocorrido justamente no mês de fevereiro, cujo tema mais acionado nas matérias foi o conflito entre Rússia e Ucrânia, o que demonstra uma visão mais negativa acerca do papel de China na guerra da Ucrânia e, como será citado no item 4.1.4 abaixo, houve questionamento acerca do papel que a China poderia desempenhar no conflito.

Para além da especificidade da guerra na Ucrânia, nota-se que O Globo e G1 mantiveram uma estabilidade no que diz respeito à sua neutralidade; isso se prova tanto pelo índice de matérias classificadas como neutras, quanto pela baixa diferença quantitativa dos posicionamentos “parcialmente negativo” e “parcialmente positivo”, quando se observa os 3 primeiros meses.

Gráfico 3: Posicionamento da Folha de São Paulo



Fonte: elaboração própria

No gráfico 3, analisa-se que a Folha de São Paulo, ainda que também tenha o posicionamento neutro como predominante, caracteriza-se por ter uma visão mais negativa sobre a China. Esse fator é demonstrado através do número de notícias com posicionamento “parcialmente negativo” e “negativo”, que majoritariamente destacaram aspectos relacionados à política chinesa.

Outrossim, observa-se que a incidência de matéria com posicionamento “positivo”, nos três veículos de mídia, foi inexistente durante a maior parte dos meses e, quando existiu, ocorreu em quantidade ínfima. Esse fator, aliado aos dados de posicionamento citados, levam a conclusão de que, apesar de demonstrar neutralidade, de forma geral há uma tendência mais negativa do que positiva. Vamos às especificidades, analisando de forma qualitativa o conteúdo dos temas mais pautados.

Taiwan

Ocupada pelos nacionalistas chineses do Kuomintang que deixaram a China continental após perderem a Guerra Civil Chinesa para os comunistas em 1949, a ilha de Taiwan sofre uma disputa acerca da legitimidade de seu atual governo ou da legitimidade de China como real detentora do poder na ilha. Essa disputa sofre reverberações na mídia. A FSP publicou 10 matérias sobre o assunto. Nelas as classificações foram: 6 matérias neutras, 2 parcialmente negativas e 2 negativas. Por um lado, há matérias que colocam a China como uma “vilã”. Tal visão é corroborada quando, sutilmente, atribui-se a China a imagem de uma “ditadura que oprime a democracia [Taiwan]” (GIELOW, 2021, s.p). Essa tendência é observada nos seguintes trechos de matéria: “Nesta quarta, uma delegação inédita com sete deputados do Parlamento Europeu desembarcou para uma visita de três dias à ilha, que a ditadura comunista considera uma província rebelde a ser reincorporada.” (GIELOW, 2021, s.p) e, ainda:

A China já tem a capacidade de fazer um bloqueio aeronaval completo de Taiwan, cortando as linhas de comunicação com os EUA e os outros potenciais aliados em caso de conflito entre a ditadura comunista e a ilha autônoma que Pequim clama para si. (GIELOW, 2021, s.p).

Nesse aspecto, a Folha também ignora a visão de “uma só China”, como visto no seguinte parágrafo “É assim detalhado o cenário desenhado visto pelo próprio governo do país, que no mês passado havia dito que a China já poderia pensar numa invasão com custo aceitável até 2025” (GIELOW, 2021, s.p). Neste, cabe destacar dois pontos; o primeiro deles é a utilização do termo “país” para se referir a Taiwan; o posicionamento citado se observa também no segundo ponto, que consiste na descrição de uma possível anexação de Taiwan como “invasão”. Essa visão de ilegitimidade também pode ser vista quando – em um contexto de discussão acerca do interesse de China em anexar Taiwan – a Folha se refere a China como um país

autoritário que sempre tende à guerra, como visto nos fragmentos a seguir: “A crescente ansiedade sobre uma possível invasão chinesa está reformulando a maneira como Washington e Taipé pensam a defesa do país.” (HILLE E SEVASTOPULO, 2022, s.p).

É tudo especulação, dado o grau de controle de Xi sobre o país desde que chegou ao poder, há dez anos. Nesse campo, contudo, mesmo uma ação contra Taiwan poderia asseverar sua posição: regimes autoritários adoram uma guerra, como o aliado da China, Putin, e a junta militar argentina de 1982 nas Malvinas provam. (GIELOW, 2022, s.p).

Já O Globo e G1, por sua vez, demonstram uma certa ambiguidade ao – igualmente à Folha – citar a anexação de Taiwan por China como uma ameaça de invasão, ao mesmo tempo que reconhece a legitimidade de China sobre a ilha, ao se referir a ela como “província rebelde” – como a China apelida Taiwan –. No entanto, de maneira geral, as mídias analisadas do Grupo Globo se mostram relativamente neutras quando o assunto é Taiwan, uma vez que suas matérias têm caráter mais informativo, dificultando a identificação de um posicionamento evidente. Ao todo, O Globo e G1 publicaram 8 matérias sobre o assunto, com a avaliação de 5 matérias neutra e 1 parcialmente negativa.

Com o Advento da Guerra na Ucrânia, houve diversos paralelos entre a situação da Rússia e Ucrânia com China e Taiwan. Questionou-se se a possível atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e, principalmente, dos EUA no conflito na Ucrânia poderia influenciar em uma eventual intervenção de China em Taiwan. Veja-se no trecho abaixo:

As razões do conflito entre Moscou e Kiev podem ser completamente distintas da confusão histórica entre Taiwan e China, mas o mundo certamente estará prestando atenção na forma como Pequim se relaciona com a ilha a partir de agora. Um Ocidente fraco na defesa da Ucrânia mostraria aos chineses que EUA e aliados não falam sério quando dizem que poderiam defender militarmente Taiwan; (PATRICK, 2022. S.p).

Esse paralelo foi criticado por China, pois o país argumentou que as situações de Ucrânia e Taiwan seriam distintas, visto que, dentre outros motivos, diferente do país Europeu, a independência da ilha não tem reconhecimento internacional. As mídias do Grupo Globo deram espaço para a publicação desse tipo de análise também, como se pode ver no trecho que se segue: “Muitos questionam se os EUA poderiam intervir militarmente se a Rússia decidir, de fato, invadir a Ucrânia, ou se o país faria o mesmo caso a China decida intervir em Taiwan, uma ilha que se vê como independente e tem os americanos como maiores aliados” (G1, 2022, s.p).

O que se percebe-se, portanto, sobre o assunto de Taiwan é que, somadas as publicações no qual ele foi abordado, temos que aproximadamente 7,41% das matérias do período foram sobre

o tema. Na FSP, a análise foi de que, dentre as matérias catalogadas do referido jornal, o assunto Taiwan corresponde a 8,62% do total. Já no Globo e G1 o referido assunto contabiliza 6,30% das matérias catalogadas desses veículos de mídia.

Pandemia de Covid-19

A pandemia de Covid-19 foi um evento que causou transtorno em todos os países do mundo, surtindo efeitos trágicos, como visto nas mais de setecentas mil mortes que ocorreram em decorrência do vírus no Brasil. No entanto, China, com uma população de mais de um bilhão de habitantes, tinha obtido – até o momento em que essa pesquisa foi finalizada, em 2022 – um índice de mortalidade bem inferior a este. Isso ocorreu devido a “política de covid zero”, que consistiu na sucessiva realização de testes na população e lockdowns com a intenção de suprimir os casos e evitar grande proliferação do vírus.

No O Globo e G1 foram publicadas 30 matérias sobre isso, sendo que foram 4 foram avaliadas como parcialmente positivas, 18 neutras, 6 parcialmente negativas e 2 negativas. No quesito contenção de contaminação, essa política foi um sucesso, e é sobre esse sucesso que O Globo fala ao analisar o desempenho de China diante da proliferação da – à época, nova – variante Ômicron da Covid-19, tal fator pode ser visto no seguinte trecho: “No fim das contas, um dos maiores sucessos do governo foi não apenas conter o vírus, mas convencer boa parte da população de que o custo de baixar a guarda seria bem mais alto.” (NINIO, 2022, s.p). O veículo de mídia aborda o fato do país asiático não se render à política de “convivência com o vírus” como um fator determinante para que fosse mais fácil controlar a situação, mesmo com a variante Ômicron em circulação.

Não obstante, apesar de haver esse reconhecimento do triunfo de China sobre a pandemia de coronavírus, O Globo elenca que a política de covid zero teria limitações na reprodução em outros países, tendo em vista que, segundo o jornal, o país se utilizou de métodos que só são possíveis no autoritarismo, logo, as ditas “democracias” não teriam abertura para tais tipos de intervenções. Outrossim, O Globo abordou a crítica do presidente da OMS (Organização Mundial Da Saúde), Tedros Adhanom, à política de covid zero mantida por China; e relatou censura à essa fala, por parte do governo chinês. Esses dois pontos demonstram visão negativa de China, que é amenizada através do reconhecimento do sucesso do país na pandemia:

A receita parece simples, sua reprodução fora da China nem tanto, como demonstra a alta de casos que o mundo está vivendo. Um dos motivos para que o modelo chinês seja considerado indesejável para muitos países é compreensível, já que ele é executado num sistema político autoritário, com controles sobre a sociedade que democracias não querem nem podem ter. Mas descartar completamente o que deu certo para evitar mortes só porque ocorre na China seria como deixar de usar papel higiênico porque ele é uma invenção

chinesa. Por seu histórico autoritário, é natural associar o governo chinês a controle, sempre de forma negativa. O perigo é que isso vire um reflexo condicionado que desconsidere qualquer ação eficaz em situações que sim, exigem controle. Como uma pandemia. (NINIO, 2022, s.p).

Já na FSP foram publicadas 22 análises sobre o tema, sendo 1 matéria parcialmente positiva, 4 neutras, 11 parcialmente negativas e 6 negativas. Ao discutir a política de covid zero, a Folha de São Paulo demonstra maior preocupação com os efeitos econômicos que são resultados dos intensos lockdown. Falou-se bastante sobre as constantes quarentenas que ocorreram na cidade de Xangai, principal centro financeiro de China, e sobre como isso impactou as bolsas de valores do mundo todo e, principalmente, no crescimento do PIB chinês, como se pode ver nos seguintes excertos: “Se a China vai abrandar sua política de Covid zero é outro fator que pode impactar profundamente os negócios” (HAIRONG E YUKUN, 2022, s.p); e “O impacto da Covid no crescimento do PIB da China no primeiro trimestre poderá ser um prejuízo de 0,3 a 0,7 ponto percentual, disseram analistas da CICC (China International Capital Corp.).” (HAIRONG E YUKUN, 2022, s.p).

No entanto, essa preocupação também se traduziu em artigos, para o qual o jornal deu espaço, com a defesa de posicionamentos bem críticos a atuação da China:

Ela [China] poderia aceitar mais infecções e até mesmo mais mortes, para reduzir os efeitos lesivos para a saúde pública e os danos econômicos provocados pelo confinamento de números muito maiores de pessoas. Mas fazer essas coisas seria reconhecer que o governo precisa mudar de rumo e permitiria que os cidadãos questionassem a infalibilidade do julgamento de seus líderes. (BREMNER, 2022, s.p).

Tal afirmação do colunista Ian Bremner se assemelha ao questionamento que se fez durante a pandemia no Brasil, “saúde ou economia?”, que desvaloriza a vida em detrimento de fatores econômicos.

Outrossim, observa-se também a abordagem de um descontentamento da população, que, segundo a Folha, estaria cansada da política de contenção do vírus adotada pelo governo chinês. Ao citar esse descontentamento, a Folha fala sobre uma censura das redes sociais chinesas promovida por Pequim: “A censura, aliás, tem sido cada vez mais aplicada nas redes conforme o bloqueio avança. O Weibo tem banido tópicos sobre Xangai.” (PATRICK, 2022, s.p). Dessa forma, vê-se um posicionamento negativo de Folha, no que diz respeito ao controle da pandemia em China; esse posicionamento se motiva por motivos econômicos e a imagem de insatisfação popular é utilizada para justificá-lo.

O que se percebe, portanto, sobre o assunto de Covid-19 é que, somadas as publicações no qual ele foi abordado, temos que 21,40% das matérias do período foram sobre o tema covid-19. Na

FSP se observa uma parcela de 18,96% do total de matérias coletadas, enquanto no Globo e G1 esse tema corresponde a 23,62% do total coletado.

Relação entre Brasil e China

Assumindo uma característica bem conturbada durante os anos de governo Bolsonaro, a relação Brasil-China foi analisada pela mídia brasileira de forma a dar enfoque na importância comercial do país asiático. Por ser o maior parceiro comercial do Brasil, a relação com Pequim foi apontada de forma relativamente positiva em algumas matérias de O Globo e pela Folha, principalmente no que diz respeito à exportação de produtos agropecuários. Foram publicadas 17 matérias sobre o assunto, sendo 11 em O Globo e G1, 6 em FSP. As avaliações foram 1 matéria positiva, 2 parcialmente positivas, 5 neutras e 3 parcialmente negativas no Globo e; 1 positiva, 1 parcialmente positivo, 3 neutras, 1 parcialmente negativo em FSP.

No final do ano de 2021, houve uma paralisação nas exportações de carnes bovinas para China, devido a uma contaminação – bem pequena – de gado pela doença da vaca louca; essa paralisação durou três meses e preocupou bastante a mídia brasileira.

Assim, quando em dezembro do ano de 2021, após a liberação das exportações de carne bovina, a China voltou a comprar carne brasileira, a Folha de São Paulo noticiou isso como um “presente de Natal” para o Brasil. No entanto, a Folha também mostrou preocupação com a dependência econômica brasileira em China, uma vez que por ser nossa maior parceira comercial, uma interrupção, como a citada anteriormente, impacta bastante na economia brasileira.

O peso dos chineses no comércio exterior brasileiro se intensificou desde 2009, quando eles superaram os norte-americanos como principal destino das exportações brasileiras. O que preocupa os analistas é o reflexo disso na balança comercial, caso os sinais de desaceleração da economia chinesa se intensifiquem. (GRAVAS, 2022, s.p)

Além disso, a Folha falou sobre como as ofensas proferidas pelo presidente Jair Bolsonaro a China podem prejudicar a captação de investimento chineses ao país. Na mesma análise, constatou que, mesmo em uma eventual eleição de Lula em 2022, haveria complicações na recuperação da confiança desses investidores. Portanto, nota-se o evidente reconhecimento de Folha acerca da importância econômica que o país asiático tem para o Brasil e ao teor prejudicial das declarações proferidas por Bolsonaro.

A eleição presidencial em outubro vai ajudar a determinar o futuro da relação. Lula supera Bolsonaro por ampla margem na maioria das pesquisas. Se ele se tornar presidente, há poucas dúvidas de que tentaria consertar os laços. Mas atrair investidores chineses pode ser mais difícil na segunda vez.” (SÁ, 2022, s.p)

O Globo também aborda a importância de China para a agropecuária brasileira. Isso se torna evidente, ao elencar o impacto da ultrapassagem de exportações de soja brasileira para China em detrimento do volume de exportações estadunidenses para a mesma, na redução da inflação global. Outrossim, destaca-se o peso das exportações para China na balança comercial brasileira, fator que é visto em:

[...] China é o maior comprador mundial de commodities, e, à medida que a demanda chinesa diminui, a tendência é que os preços desses insumos – em patamares elevados devido à guerra na Ucrânia – possam apresentar certo arrefecimento. [...] O preço menos pressionado tende a afetar as exportações brasileiras, o que deve gerar uma balança comercial com superávit menor que o previsto para esse ano. (NALIN, 2022, s.p)

Ademais, destaca-se o questionamento de Globo sobre qual seria a vantagem do distanciamento do Brasil de China. Isso ocorreu em um contexto em que o Brasil negou participar do foro Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC)-China, no que seria uma excelente oportunidade para desenvolver as relações diplomáticas com Pequim, relações essas que vinham sofrendo erosão. O jornal ainda aborda como o Brasil fica em uma posição delicada em eventual polarização do mundo – semelhante à que ocorreu na Guerra Fria – entre EUA e China e sobre como o Brasil teria que lidar tendo seus valores atrelados ao ocidente e tendo China como a maior parceira comercial.

Num momento em que as relações do Brasil com seu principal parceiro comercial não vivem o seu melhor momento, a interação no formato multilateral poderia contribuir para uma aproximação e acelerar a solução de problemas bilaterais como o embargo da China à carne bovina brasileira, que já dura mais de três meses. Enquanto há um prejuízo claro em ficar fora do diálogo regional com Pequim, cabe ao Itamaraty explicar quais os benefícios de rejeitar o convite para a reunião. (NINIO, 2021, s.p).

Dessa forma, é denotado que O Globo vê com bons olhos o papel de China na balança comercial brasileira e compreende a importância na manutenção de um bom relacionamento diplomático entre os dois países.

O que se percebe-se, portanto, sobre o assunto é que, somadas as publicações no qual ele foi abordado, temos que 7,00% das matérias do período foram sobre o tema. Na FSP isso se reflete em 6,03% do total de matérias, já no Globo satisfaz cerca de 8,66% do total de matérias catalogadas.

Relação com a Rússia

Tendo entrado em foco em decorrência de seu ataque à Ucrânia, no final do mês de fevereiro de 2022, a Rússia sofreu diversas sanções econômicas dos EUA, Europa, Japão, etc. Esse fator fez com que as relações diplomáticas entre Moscou e Pequim se intensificassem, de modo que questionassem a neutralidade de China no debate do conflito na Ucrânia.

As mídias analisadas do Grupo Globo publicaram 12 matérias sobre isso, sendo o posicionamento distribuído em 1 matéria parcialmente positiva, 4 neutras, 5 parcialmente negativas e 2 negativas. Segundo o jornal O Globo, apesar de China defender uma resolução do conflito baseada na diplomacia, o país asiático deixaria explícito seu apoio ao governo russo. Isso se demonstraria na forma que China viria comprando o petróleo russo como forma de amenizar as sanções econômicas aplicadas ao país. Outrossim, evidencia-se o modo que China manifesta uma “ponderação” ao debater a guerra na Ucrânia, ao mesmo tempo que direciona críticas contundentes ao Ocidente, com foco principal nos EUA.

Baseada em um discurso diplomático ponderado, a China tem tomado uma posição cautelosa e sutil em relação à crise, esquivando-se de manifestar qualquer tipo de apoio ao uso de força militar.

Mas alguns dos meios de comunicação estatais que cobrem a crise têm sido mais diretos. Com o crescimento do sentimento anti-Ocidente no país, a crise na Ucrânia foi retratada na China como mais um exemplo do fracasso da política externa ocidental. (WONG, 2022, s.p).

O veículo de mídia também questionou a legitimidade de China ao tentar se como colocar como mediadora do conflito, tendo em vista que, ao se notar “apoio” à Rússia, não haveria credibilidade nessa possível mediação de negociações. Como pode ser visto em: “Entretanto, depois de dar apoio tácito à Rússia em sua ação militar, há um certo ceticismo entre diplomatas sobre a capacidade de Pequim de assumir uma posição de mediador neutro na crise” (NINIO, 2022, s.p).

A FPS publicou 7 matérias, com 1 parcialmente positiva, 2 neutras, 3 parcialmente negativas e 1 negativa como posicionamento. Concomitantemente, a Folha de São Paulo abordou a forma que China visou transparecer uma neutralidade diante do cenário de guerra. De acordo com a Folha, esse movimento de China seria caracterizado por uma “neutralidade pró-Rússia”. Questionou também os limites que envolvem tal apoio, uma vez que as empresas chinesas correriam o risco de sofrer sanções internacionais, ao comercializarem com a Rússia.

[...] Pequim defende o princípio da integridade territorial, que vale para a Ucrânia — mas também se aplica à própria China em relação a Taiwan, porque, afinal, é sacrossanto o princípio de um único país. Ao mesmo tempo, os porta-vozes da diplomacia evitam a todo custo usar a palavra invasão para o que ocorre no Leste Europeu, lembrando a parceria "sólida como uma rocha" com a

Rússia. [...] Objetivos políticos distintos puxam o posicionamento chinês em sentidos contrários. Equilibrando múltiplos interesses, Pequim optou por alegar neutralidade — o que foi batizado de neutralidade pró-Rússia. O paradoxo reflete as tensões da própria posição chinesa. (PRAZERES, 2022, s.p).

A Folha também aponta uma certa ambiguidade de Pequim, ao defender a integridade territorial de Ucrânia, ao mesmo tempo que professa seu apoio à Moscou. Ao tratar disso, fez paralelos acerca de Taiwan, já que o princípio de “uma só China” teria bastante relação com essa questão da integridade. Como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] Xi se recusou a condenar a invasão de 24 de fevereiro, tanto em discursos como em votos nas Nações Unidas. Foi ameaçado por Biden para não ajudar Putin. Progressivamente, virou crítico vocal das sanções, ao mesmo tempo que defende de forma anódina uma solução pacífica para a crise — quem não o faz? [...] Mais importante, a Ucrânia serve de experimento prático para as intenções de Xi em sua periferia estratégica, a absorção de Taiwan à frente. A ilha, que Pequim considera sua, vive sob o temor de invasão por parte da ditadura comunista, e Biden reforçou a promessa de apoio militar a Taipé se isso ocorrer. (GIELOW, 2022, s.p).

O que se percebe-se, portanto, sobre o assunto é que, somadas as publicações no qual ele foi abordado, temos que 7,82% das matérias do período foram sobre o tema. Na FSP esse assunto representou aproximadamente 6,03% das matérias catalogadas no jornal, enquanto no Globo o assunto compreende por cerca de 9,45% do total de matérias catalogadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o disposto neste, é notável, em termos quantitativos, a visão relativamente negativa da Folha de São Paulo acerca de China. Isso se provou, entre outros fatores, pelo constante uso de termos negativos para se referir ao país asiático (como “ditadura comunista”), bem como qualitativamente pela difusão, no espaço de suas publicações, de textos que analisavam o país negativamente em alguns aspectos, como no que se refere a sua atuação na questão de Taiwan, na Guerra da Ucrânia e na política de Covid zero.

O Globo, por sua vez, demonstrou maior neutralidade, uma vez que, apesar de ter o posicionamento “parcialmente negativo” em um volume até que expressivo, o caráter mais informativo de suas matérias fez com que se justificasse sua classificação como neutra. Isso se refletiu mesmo nas matérias com críticas a China, nelas é evidente que, diferente de Folha, O Globo se preocupou em evitar se referir a China de maneira pejorativa (como por exemplo, no uso da expressão “ditadura comunista”).

Quanto as relações com o Brasil, cabe destacar a tendência dos veículos analisados de publicação de matérias classificadas como neutras, em primeiro lugar, e como positivas ou parcialmente positivas (em 2º e 3º lugares). Apesar de haver críticas pontuais ao risco de dependência do Brasil com relação ao país asiático, as mídias enxergaram positivamente a importância do investimento chinês no Brasil e o impacto do comércio em setores como o agronegócio.

Assim, a análise dos dados nos permite concluir que os meios de comunicação analisados se caracterizaram pela expressão de uma visão compartimentada da China. De um lado, há uma tendência de interpretação mais negativa quando se pauta nas matérias a atuação da China no mundo (como no caso da Guerra da Ucrânia e na questão de Taiwan) ou refere-se a análise de políticas internas da China (como, por exemplo, da Covid-19). De outro, quando se trata das relações econômicas com o Brasil, a visão é mais positiva, destacando-se as oportunidades que o Brasil teve devido a sua ascensão econômica. Uma hipótese, que decorre de nossas conclusões atuais, a ser investigada em um trabalho futuro, diz respeito aos tipos de prescrição de política externa que advém dessa visão de China nas mídias brasileiras: a prescrição de política que parece estar dentro dessas visões é a de que a China deve ser vista como oportunidade econômica para o país, mas que as relações de cooperação devem ser limitadas a isso, já que as mídias vêm com apreensão o papel da China no mundo.

Por fim, cabe destacar – vale para todas os meios de comunicação analisados neste trabalho – que nem sempre as mídias assumem como seus os posicionamentos de seus jornalistas e comentaristas. Contudo, o fato de darem espaço para a publicação de determinadas posições contribui para gerar insumos que se somarão para a constituição de uma opinião pública.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro “Quarto Poder”: a imprensa e o compromisso político no Brasil. *Revista Contracampo*, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/contracampo/article/view/17299>. Acesso em 02/09/2022.
- BREMMER, Ian. Política de Covid zero empurrará crescimento da China ainda mais para baixo. *Folha de São Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/colunas/ian-bremmer/2022/04/politica-de-covid-zero-empurrara-crescimento-da-china-ainda-mais-para-baixo.shtml>. Acesso em: 06/04/2022.
- CAMARGO, Julia Faria. *Ecos do fragor: a invasão do Iraque em 2003: a mídia internacional e a imprensa brasileira*. Phd diss., Universidade de Brasília, 2008.
- CASARÕES. Guilherme Stolle Paixão. A Mídia e a Política Externa no Brasil de Lula. In: *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*, v.1, n.2, Jul-Dez 2012, p.211-236. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/austral/article/download/32661/20524>. Acesso em 02/09/2022.

- CORONATO, Daniel Rei; FRANCISCATTO, Enzo; LIMA, Letícia Cristina Alencar; DIAS, Lucas Fernandes. Opinião Pública E Política Externa: O Caso De Pasadena Aos Olhos Do Grupo Globo. In: Leopoldianum, ano 48, 2022, no 134. Disponível em <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/issue/download/118/81> Acesso em 02/09/2022.
- FARIA, Carlos Aurélio Pimenta de. Opinião pública e política externa: insulamento, politização e reforma na produção da política exterior do Brasil. Revista Brasileira de Política Internacional, vol. 51, no. 2, 2008.
- FERREIRA, Fernanda V. Raízes históricas do conceito de opinião pública em comunicação. Em Debate, v7, n1, 2015, pp. 50-68. Disponível em: <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7-Janeiro-15-OPINIAO-Fernanda-Vasques-Ferreira-H-A.pdf> Acesso em 02/09/2022.
- FERREIRA, Gustavo Jordan. Opinião Pública E Política Externa: Do Consenso De Almond-Lippmann Às Redes Sociais. Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. 10, 2021. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/58702/39960>. Acesso em 02/09/2022.
- FERREIRA, Marcos Alan S. V; LIRA, Gabriel de F. L. A Entrada Da Venezuela No MERCOSUL E A Mídia: Uma Análise Da Visão Da Folha De São Paulo e o Estado De São Paulo. Revista Política Hoje - Volume 28, n. 1, 2019. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/politica hoje/article/download/8717/34409>. Acesso em 02/09/2022.
- FONTES, Pablo; COSTA DA SILVA, Danielle; LUZ, Cristina Rego Monteiro; OLIVEIRA, Alana; REZENDE, Taísa. A Interdisciplinaridade Aplicada Na Disciplina De Política Externa, Mídia E Opinião Pública. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em https://dadospdf.com/download/politica-externa-midia-e-opiniaopublica-_5a4bd711b7d7bcab67f1b4ae_pdf. Acesso em 02/09/2022.
- GIELOW, Igor. China faz exercício com munição real enquanto Taiwan recebe apoio europeu. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/11/china-faz-exercicio-com-municao-real-enquanto-taiwan-recebe-apoio-europeu.shtml>. Acesso em: 03 nov. 2021.
- GIELOW, Igor. China faz manobra militar como 'alerta solene' aos EUA. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/05/china-faz-nova-manobra-militar-como-alerta-solene-aos-eua-sobre-taiwan.shtml>. Acesso em: 25/05/2022.
- GIELOW, Igor. Guerra da Ucrânia: China mira EUA e reitera apoio à Rússia. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/06/china-mira-eua-ao-reiterar-apoio-a-russia-durante-a-guerra-da-ucrania.shtml>. Acesso em: 15/06/2022.
- GIELOW, Igor. Taiwan diz que China está pronta para fazer bloqueio militar da ilha. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/11/taiwan-diz-que-china-esta-pronta-para-fazer-bloqueio-militar-da-ilha.shtml>. Acesso em: 09/11/2021.
- GRAVAS, Douglas. Freio na China expõe risco de dependência brasileira nas exportações. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/01/freio-na-china-expoe-risco-de-dependencia-brasileira-nas-exportacoes.shtml>. Acesso em: 21/01/2022.

- HAIRONG, Yu; Yukun, Zhang. Novo surto de Covid espreme economia da China. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/03/a-batalha-da-china-para-estabilizar-sua-economia.shtml>. Acesso em: 31/03/2022.
- HERMAN, Edward S.; CHOMSKY, Noam. Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media. New York: Pantheon, 1988.
- HILLE, Kathrin; Sevastopulo, Demetri. EUA querem que Taiwan se prepare para invasão da China. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/06/eua-pressionam-taiwan-para-se-preparar-contr-potencial-invasao-da-china.shtml>. Acesso em: 08/06/2022.
- MONTEIRO, Eduardo da Nóbrega; LESSA, Mônica Leite. Mídia E Política Externa Brasileira: Uma Abordagem Crítica. Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. 9, 2020. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/50558>. Acesso em 02/09/2022.
- NALIN, Carolina. Como a crise na China pode afetar o Brasil? Covid pode fazer PIB chinês entrar em recessão. O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2022/05/como-crise-na-china-pode-afetar-brasil-covid-pode-fazer-pib-chines-entrar-em-recessao-25511600.ghtml>. Acesso em: 15/05/2022.
- NINIO, Marcelo. A China como espelho incômodo no combate à Covid. O Globo, 2022. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/marcelo-ninio/post/china-como-espelho-incomodo-no-combate-covid.html>. Acesso em: 07/01/2022.
- NINIO, Marcelo. Amizade com a Rússia é 'sólida como rocha', diz chanceler da China. O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/marcelo-ninio/post/2022/03/amizade-com-russia-e-solida-como-rocha-diz-chanceler-da-china.ghtml>. Acesso em: 07/03/2022.
- NINIO, Marcelo. O que o Brasil ganha ao ficar fora do diálogo China-América Latina?. O Globo, 2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/marcelo-ninio/post/o-que-o-brasil-ganha-ao-ficar-fora-do-dialogo-china-america-latina.html>. Acesso em: 06/12/2021.
- NINIO, Marcelo. O real e o surreal da pandemia na China. O Globo, 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/marcelo-ninio/post/2022/03/o-real-e-o-surreal-da-pandemia-na-china.ghtml>. Acesso em: 29/03/2022.
- NOGUEIRA, Silvia Garcia; MELO, Filipe Reis; GALDINO, Amanda Caroline. A imagem ambiental do Brasil no governo Bolsonaro: análise de uma percepção latino-americana. In: Sul Global. 1 (2): 31-63 [2020]. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/36286/pdf>. Acesso em 02/09/2022.
- O GLOBO. O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2021. In: O Globo, 02/02/2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960> Acesso em 02/09/2022.
- OLICSHEVIS, Giovana. Mídia e Opinião Pública. In: Revista Vernáculo, n. 17 e 18, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/viewFile/20423/13603> Acesso em 02/02/2022.
- PATRICK, Igor. Exemplo da Ucrânia reforça movimento da China por Taiwan. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/exemplo-ucrania-reforca-movimento-da-china-por-taiwan.shtml>. Acesso em: 11/03/2022.

PATRICK, Igor. Xangai tem exaustão, protesto e censura durante lockdown por Covid. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/04/xangai-tem-exaustao-protesto-e-censura-durante-lockdown-por-covid.shtml>. Acesso em: 15/04/2022.

PRAZERES, Tatiana. China corre riscos com 'neutralidade pró-Rússia' na guerra. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatiana-prazeres/2022/03/china-corre-riscos-com-neutralidade-pro-russia-na-guerra.shtml>. Acesso em: 10/03/2022.

PUTNAM, Robert D. Diplomacia e Política Doméstica: a lógica dos jogos de dois Níveis. In. Revista Sociologia Política, Curitiba, vol.18, nº 36, pp. 147-174, junho de 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/qZDV3KMBGGt7RQNCR37Ymkk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02/09/2022.

G1. Quais são os interesses da China no conflito entre Rússia e Ucrânia?. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/05/quais-sao-os-interesses-da-china-no-conflito-entre-russia-e-ucrania.ghtml>. Acesso em: 05/02/2022.

SÁ, Nelson de. Nelson de Sá: China está se afastando do Brasil de Bolsonaro, avisa Economist. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://ligademocratica.com/publicacao/192328/nelson-de-sa-china-esta-se-afastando-do-brasil-de-bolsonaro-avisa-economist.htm>. Acesso em: 15/02/2022.

SALOMON, Mônica; PINHEIRO, Letícia. Análise de Política Externa e Política Externa Brasileira: trajetória, desafios e possibilidades de um campo de estudos. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 56, n. 1, p. 40-59, 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/SktXpnrRXjptLV53R6XvGcF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 02/09/2022.

SANTORO, Maurício. The Dragon and the Captain: China in the Perspective of Brazil's Nationalist Right, The Dragon and the Captain: China in the Perspective of Brazil's Nationalist Right. Geosul 35, no. 77 (2020). Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/74103/44693>. Acesso em 02/09/2022.

SILVA, Danielle Costa. Política Externa é Política Pública: reflexões sobre a política externa brasileira. Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. IV, n1, agosto de 2015. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/neiba/article/view/13715/13511>. Acesso em 02/09/2022.

SOUSA, Ana Tereza L. M. A construção de padrões comerciais nas relações Brasil-China. Brazilian Journal of International Relations, Marília, SP, v. 10, n. 3, p. 578-604, 2021. DOI: 10.36311/2237-7743.2021.v10n3.p578-604. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/11559>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SOUSA, Ana Tereza L. M.; Schutte, Giorgio Romano; Teixeira, Ana Paula; Belasques, Bruna; Castro, Bruno. Relações Brasil-China no governo Bolsonaro: da ideologia ao pragmatismo. In: Maringoni, Gilberto; Romano, Giorgio; Berringer, Tatiana (orgs). As bases da política externa bolsonarista: relações internacionais em um mundo em transformação. Santo André, SP: EdUFABC, 2021, p. 229-250. Disponível em: <http://opeb.org/livros/>

SOUSA, Ana Tereza L. M; Gajus, Brenda Neris; Porto, Filipe; Freitas, José Luís; Abrão, Rafael Almeida Ferreira; Rodrigues, Vanessa C. Pitondo; Silva, Vitor Gabriel; Santos, Vitor Hugo. Distensão, Assimetrias e

Oportunidades Perdidas: Relações Brasil-China no Governo Bolsonaro. In: Sousa, Ana Tereza L. M; Azzi, Diego A.; Rodrigues, Gilberto M.A. Política externa brasileira em tempos de isolamento diplomático. Rio de Janeiro: Telha, 2022. Disponível em: <http://opeb.org/livros/>

WONG, Tessa. Quais são os interesses da China no conflito entre Rússia e Ucrânia?. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/05/quais-sao-os-interesses-da-china-no-conflito-entre-russia-e-ucrania.ghtml>. Acesso em: 05/02/2022.